

O PAPEL DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESTIMULAÇÃO DA LEITURA E ESCRITA DE ALUNOS COM DISLEXIA

Stephanne Silva Lima ¹

Rita de Cassia da Costa Pereira e Silva ²

Tiago Oliveira de Moura ³

Raimunda Sousa dos Santos ⁴

INTRODUÇÃO

O presente estudo investiga o papel do professor de língua portuguesa na estimulação da leitura e escrita de alunos com dislexia, um transtorno específico de aprendizagem que compromete significativamente a aquisição e o uso das habilidades linguísticas. Considerando que a escola é o espaço de mediação do conhecimento, torna-se imprescindível compreender como o docente pode atuar de forma efetiva na identificação das dificuldades, na proposição de estratégias pedagógicas diferenciadas e na construção de práticas inclusivas que favoreçam o desenvolvimento da criança com dislexia. A fundamentação teórica parte de autores como Brasil (1997), Moraes (2012), Pinheiro e Cabral (2017) e Soares (2012), que discutem alfabetização, letramento e inclusão escolar. Destaca-se que a dislexia não decorre de déficits cognitivos, mas de uma especificidade neurológica que impacta a decodificação e a fluência leitora, exigindo, portanto, estratégias pedagógicas adequadas. O professor de Língua Portuguesa ocupa posição central nesse processo, já que atua diretamente na mediação das práticas de leitura e escrita, devendo estar preparado para diagnosticar as dificuldades, planejar intervenções e adaptar recursos. A pesquisa foi realizada com professores da rede pública de Lago da Pedra – MA, envolvendo análise bibliográfica e coleta de dados empíricos por meio de entrevistas e gráficos que evidenciam as principais dificuldades enfrentadas na inclusão escolar de alunos com dislexia. O estudo busca analisar a atuação docente, destacando tanto os desafios estruturais quanto as possibilidades de intervenção pedagógica.

¹ Graduanda pelo Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, Stephannesilvalima@gmail.com;

² Graduanda pelo Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, ritadecassia553@gmail.com;

³ Graduando pelo Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, tiagomae14@gmail.com;

⁴ Professor orientador: Graduada pelo Curso de Pedagogia, Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, raisousantos@gmail.com.



A investigação justifica-se pela crescente demanda de práticas inclusivas no contexto educacional, especialmente no ensino da leitura e da escrita. A ausência de formação adequada, a escassez de materiais adaptados e a falta de estratégias diagnósticas reforçam a necessidade de pesquisas que deem visibilidade ao papel essencial do professor, apontando caminhos para uma prática mais efetiva e transformadora. Foi desenvolvido com o objetivo de analisar o papel do professor de Língua Portuguesa no desenvolvimento da criança com dislexia, identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos docentes na inclusão de alunos com dislexia, verificar quais recursos pedagógicos e estratégias de ensino que são utilizados, apontar a importância da formação continuada e da adaptação curricular no processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista que a dislexia é um transtorno específico de aprendizagem que afeta habilidades relacionadas à leitura e escrita.

A pesquisa teve caráter bibliográfico e empírico, fundamentada em uma abordagem qualitativa e quantitativa. Foram realizadas entrevistas com professores da rede pública, complementadas por gráficos que revelam os principais obstáculos percebidos. Os referenciais teóricos adotados permitiram relacionar os dados empíricos com a produção científica já consolidada na área de inclusão e alfabetização. Para tanto, foi necessário desenvolver estratégias pedagógicas inclusivas, para melhor análise do desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita para um feedback constante e ajustando as abordagens pedagógicas conforme necessário. Diante disso, o professor de Língua Portuguesa assume papel essencial como mediador desse processo, pois cabe a ele criar condições pedagógicas que favoreçam a ativação dos conhecimentos prévios do aluno, orientando-o na elaboração de inferências, hipóteses e interpretações.

continuada e recursos adequados. A análise demonstra, portanto, que a prática docente os resultados evidenciam que os desafios enfrentados pelos professores não se concentram em um único aspecto, mas abrangem diferentes dimensões: dificuldades de trabalhar de forma interdisciplinar (40%), falta de materiais adaptados (20%), ausência de acesso a laudos (20%) e dificuldades no planejamento estratégico (20%). Observa-se que o processo de inclusão ainda é fragilizado por barreiras estruturais, pedagógicas e organizacionais, exigindo investimentos em formação inclusiva depende da superação de obstáculos institucionais e da valorização do trabalho pedagógico. Conclui-se que o professor de Língua Portuguesa é peça-chave no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita de alunos com dislexia, desde que disponha de formação contínua e



recursos pedagógicos apropriados. A criação de ambientes de aprendizagem acolhedores, aliados à parceria com a família e com outros profissionais da educação, mostra-se essencial para a inclusão efetiva. Assim, o estudo reafirma que a educação inclusiva exige não apenas adaptações didáticas, mas também um compromisso ético e político com o direito de todos à aprendizagem.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa desenvolvida apresenta natureza aplicada, com abordagem qualitativa e quantitativa, de caráter descritivo e exploratório. O estudo partiu de uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em autores que discutem a alfabetização, o letramento e a inclusão escolar, tais como Brasil (1997), Moraes (2012), Pinheiro e Cabral (2017) e Soares (2012). Essa etapa teórica possibilitou compreender os conceitos estruturantes relacionados à dislexia e ao papel do professor de Língua Portuguesa na estimulação da leitura e da escrita. Para complementar a investigação, realizou-se uma etapa empírica, na qual foram elaborados gráficos a partir da sistematização de entrevistas com professores da rede pública de ensino do município de Lago da Pedra – Maranhão. As entrevistas tiveram como propósito identificar as principais dificuldades, estratégias pedagógicas e percepções dos docentes no processo de inclusão de estudantes com dislexia. Os dados coletados foram analisados por meio da abordagem qualitativa, buscando interpretar as falas e os significados atribuídos pelos professores às suas práticas pedagógicas, e da abordagem quantitativa, com a utilização de percentuais que evidenciaram a frequência dos principais desafios enfrentados. A triangulação entre os dados teóricos (referenciais bibliográficos), os dados empíricos (entrevistas) e a análise gráfica conferiu maior robustez à pesquisa, permitindo não apenas a descrição dos obstáculos vivenciados pelos professores, mas também a interpretação crítica desses resultados à luz da literatura.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Pinheiro e Cabral (2017), “a dislexia é um distúrbio da linguagem, de base neurobiológica, que afeta de maneira específica a aprendizagem da leitura e da escrita, não estando vinculada a limitações intelectuais ou socioeconômicas”. (p. 28)

Esse entendimento é fundamental, pois distingue a dislexia de outras dificuldades escolares, reforçando sua natureza própria e inata. As autoras mostram como alinham-se



“Um dos maiores entraves enfrentados por crianças com dislexia é o déficit fonológico central, que compromete a consciência fonológica e fonêmica, prejudicando a correspondência grafema-fonema” (PINHEIRO; CABRAL, 2017, p. 53). Esta citação evidencia a base teórica mais aceita atualmente: a dislexia não se explica pela ausência de inteligência, mas pela dificuldade em manipular as unidades sonoras da fala, indispensáveis para a alfabetização.

Segundo Moraes (2019, p. 41) explica que “praticar uma conduta metalinguística é, portanto, refletir sobre a linguagem” — isto é, a consciência fonológica é parte da consciência metalinguística e consiste em operações sobre sons, sílabas e palavras. Destaca a natureza reflexiva da consciência fonológica: não é só ouvir palavras, mas pensar sobre suas partes. Para o professor, isso significa ensinar atividades que tornem audíveis e manipuláveis os componentes sonoros da língua (rima, sílaba, fonema).

Como bem disse Soares (2003, p. 16) “na concepção tradicional, a alfabetização – aprender a ler como decodificação e a escrever como codificação – precedia o letramento – o desenvolvimento de habilidades textuais e de compreensão das funções da escrita”. O contraste aqui apresentado pela autora evidencia como a visão antiga era limitada e reduzia a alfabetização ao aspecto mecânico, ignorando sua dimensão cultural e social.

“Ao longo dos primeiros anos de escolarização, os alunos devem expandir o uso da linguagem em instâncias privadas e utilizá-la com eficácia em instâncias públicas, sabendo assumir a palavra ... produzir textos — tanto orais como



escritos — coerentes, coesos, adequados a seus destinatários, aos objetivos a que se propõem e aos assuntos tratados.”

Essa citação mostra como os PCN já desde o início posicionam a linguagem como instrumento social e comunicativo, não apenas como conteúdo a ser aprendido. O enfoque está em produzir texto com coerência e adequação, o que exige que o aluno não apenas manipule regras, mas entenda finalidade e interlocução.

Brasil (1997, p. 26)

“Os PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997, p. 26) trazem o comentário de que a Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais; recomendam que o preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado...”

Essa passagem é significativa porque reconhece a pluralidade linguística do português no Brasil e propõe que a escola combata discriminações linguísticas. Ou seja, os PCN não veem a norma culta como única forma legítima, mas afirmam que as variantes dialetais têm lugar na reflexão pedagógica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do estudo aplicado evidencia que os desafios não estão concentrados em um único aspecto, mas distribuídos entre recursos materiais, formação docente, comunicação interdisciplinar e acesso a informações diagnósticas. A análise demonstra, portanto, que a prática docente os resultados evidenciam que os desafios enfrentados pelos professores não se concentram em um único aspecto, mas abrangem diferentes dimensões: dificuldades de trabalhar de forma interdisciplinar (40%), falta de materiais adaptados (20%), ausência de acesso a laudos (20%) e dificuldades no planejamento estratégico (20%). Observa-se que o processo de inclusão ainda é fragilizado por barreiras estruturais, pedagógicas e organizacionais, exigindo investimentos em formação inclusiva depende da superação de obstáculos institucionais e da valorização do trabalho pedagógico. Isso indica que o processo de inclusão escolar enfrenta barreiras estruturais, pedagógicas e organizacionais. Em síntese, a maior dificuldade percebida é a falta de interdisciplinaridade, mas há também forte demanda por formação continuada, materiais adaptados e maior acesso às informações diagnósticas, todos fundamentais para garantir uma prática inclusiva efetiva. Isso indica que o processo de inclusão escolar enfrenta barreiras estruturais, pedagógicas e organizacionais.



A formação contínua dos docentes, os usos de estratégias diferenciadas são essenciais para criar um ambiente de aprendizagem acolhedor. Além disso, a parceria com a família e outros profissionais da educação é crucial para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos com dislexia. O professor de Língua Portuguesa assume papel essencial como mediador desse processo, pois cabe a ele criar condições pedagógicas que favoreçam a ativação dos conhecimentos prévios do aluno, orientando-o na elaboração de inferências, hipóteses e interpretações.

Palavras-chave: Dislexia; Professor de língua portuguesa, Leitura e escrita, Transtorno de aprendizagem.

SILVA, Magna do Carmo; CABRAL, Ana Catarina dos Santos Pereira. Práticas de Alfabetização: Processos de Ensino e Aprendizagem. Recife: ed. UFPE, 2020.

